



# **Programa de Educação Tutorial (PET)**

## **Resenhas – G1**

**2017.2**



Instituto  
de Relações  
Internacionais



## RESENHAS (G1)

SKELDON, RONALD. "MIGRATION AND DEVELOPMENT: A GLOBAL PERSPECTIVE". NEW YORK. EDITORA: ROUTLEDEGE, 2014. 264 p

### ALUNA: CÍNTIA DE CARVALHO SILVA

Ronald Skeldon é um professor da Universidade de Sussex, no Reino Unido e da Universidade de Maastricht, na Holanda, especializado em Geografia. Durante sua vida acadêmica, focou seus estudos no tema da migração, em especial, na área de *Human Migration*. Passou muitos anos na Austrália, onde trabalhou no *Papua New Guinea Institute for Applied Social and Economic Research* e, até hoje, também trabalha como consultor de diversas organizações internacionais, dentre elas, as Nações Unidas.

Nessa obra, intitulada "*Migration and Development: A Global Perspective*", Skeldon faz uso de toda essa bagagem acadêmica e prática adquirida desde a década de 1970, a partir da defesa de sua tese de doutorado na Universidade de Toronto (Canadá), para desmistificar convenções estabelecidas sobre os conceitos de migração e desenvolvimento, assim como, afirmar a relação de causa e efeito que, na verdade, existe entre eles. Para tanto, Skeldon vai percorrer boa parte da literatura até então existente (dado que esse livro data de 1997; e mesmo assim continua atual), apresentando diversos autores que já estudaram o tema da migração, seja em estudos exclusivamente voltados para o tema da migração humana em sua face interna ou internacional, sejam estudos que conectam mobilidade humana, suas duas facetas, e desenvolvimento.

Assim, por toda a sua obra, o que o leitor não pode perder de vista ao lê-la, uma vez que são muitos os dados apresentados, é a relação que o autor tenta elucidar ao longo dos sete capítulos, na qual, para Skeldon, migração e desenvolvimento estão intrinsecamente conectados. Desenvolver uma região não diminui a migração humana como o senso comum tende a afirmar, muito pelo contrário, o que o autor vai alegar é que o desenvolvimento de uma região (entendido como aumento da urbanização) leva a uma maior taxa de migração. O oposto também se mantém, uma vez que um aumento da migração, leva a um desenvolvimento maior de uma região, pois novas técnicas e saberes são introduzidos nesse local por esses migrantes. Portanto, para Skeldon "migração é desenvolvimento" (SKELDON, 1997, p.330).

Todavia, o que não se pode deixar de levar em consideração, haja vista que isso é um outro fator importante que o senso comum tende a focar e que esse livro questiona, é a disposição de recursos que esses migrantes possuem quando migram. Para Skeldon, contrariamente à ideia geral de que são os mais pobres que migram, o que ocorre na prática, desde o século dezessete, com as primeiras migrações europeias para o "novo" mundo (América e Australasia) ou dentro da própria Europa, é que quem costuma migrar são aquelas pessoas que possuem (ou conseguem) algum recurso e não tanto

aqueles que seriam os mais pobres dessa região (esses também migram, mas com menor frequência). Dessa forma, o autor depreende dessa e de outras análises, como certos migrantes econômicos de alta renda não parecem ser vistos como um problema para esses locais que costumam ser o destino “preferencial” de diversos migrantes, como a Europa ocidental após a segunda guerra mundial ou as novas potências do Leste Asiático.

Outra questão fundamental que o autor apresenta nesse livro trata de tentar entender e assim, enxergar a migração, não como um evento excepcional ou “antinatural”, mas sim, como o normal. A pergunta que ele propõe para instigar o leitor é: “por que as pessoas não migram?” (SKELDON,1997, p.19). De fato, enxergar o fenômeno da migração por esse ângulo pode nos trazer uma perspectiva diferente daquela pregada pelas crescentes medidas de restrição de movimento, adotadas mundialmente, que tendem a ver a migração como algo negativo, esquecendo todas as adições culturais e inovações que ela pode trazer para uma região.

Entender o que faz as pessoas migrarem é tão importante quanto entender porque elas não estão fazendo isso. Desenvolvimento e migração se inter-relacionam aqui por meio das políticas adotadas pelos governos em relação a esses migrantes. Alguns países como os Estados Unidos, que compõem o núcleo antigo de migração, segundo Skeldon, tiveram durante boa parte do século XX, uma política mais aberta a migração, excetuando certas restrições a migrantes asiáticos por períodos específicos. Por outro lado, a Europa, origem de boa parte dos migrantes do novo mundo antes da primeira guerra mundial, tem adotado medidas extremamente restritivas a novos migrantes e, em especial, aos refugiados em dias mais atuais. Tudo isso, por conta de uma visão negativa da migração que tende a ver esse migrante como uma ameaça a segurança nacional ou a coesão cultural do país.

Todavia, nem todos os países vão poder se dar ao luxo de restringir migrações, segundo Skeldon, especialmente aqueles que, primeiro, não conseguem “reter” seus trabalhadores mais capacitados, dependendo dos recursos enviados por aqueles que migraram (em geral, países da África Subsaariana). Segundo, que dependerem de migrações de curto prazo realizadas por turistas como os pequenos países da Polinésia e Caribe, ou ainda, aqueles que dependem de trabalhadores de “temporada”, como os ricos países do Golfo que carecem de mão de obra local para se desenvolverem.

Assim, essa discussão citada acima é mais aprofundada no capítulo sete do livro, no qual podemos ver que os países do “*resource niche*” (países fonte de recursos) citados acima, que tem em comum uma vulnerabilidade estatal em “termos de recursos ambientais, em termos de tamanho do território e em termos de conexão com os outros núcleos de migração” (SKELDON,1997, p.279), precisam dos recursos, tanto monetários como humanos, que a migração propicia. Nesses locais, apesar da migração permanente muitas vezes também não ser bem-vista, como nos países islâmicos, ela ocorre com bastante frequência e muitas vezes, forçosamente, devido a conflitos e expurgos causados por crises econômicas.

Assim, a frequência dos movimentos migratórios será um ponto crucial para o argumento do autor, pois, para ele, apesar da impressão de que vivemos “a era da migração”, devido à facilidade de movimento advinda do progresso tecnológico e da quantidade de gente que migra, o que temos vivenciado na realidade é “uma das eras da migração” (SKELDON,1997,p.314). Para elucidar esse ponto, Skeldon volta ao século dezessete e nos fala que mesmo na Europa antiga, as pessoas já migravam, especialmente no que é categorizado pela literatura como migração circular (trabalhos temporários) e local (casamento e comércio). Dessa forma, o que vemos com o passar dos séculos é uma complexificação dos movimentos migratórios, que incorporam outras características, como a criação de “canais de migração” (SKELDON,1997, p.109) entre países de origem e de destino, gerando muitas vezes um fluxo de capital importante para a economia do país original desse migrante.

Uma variável importante para a relação migração e desenvolvimento em todos esses núcleos, segundo Skeldon, é a questão da fertilidade. Nos núcleos antigos e novos, mais desenvolvidos, as baixas taxas de fertilidade registradas correntemente, são um fator importante para a necessidade de se conseguir trabalhadores via migração. Para o nicho de recursos, notadamente países pouco desenvolvidos da região subsaariana, essa é uma questão que tem um impacto diferente, uma vez que, a taxa de fertilidade só vem caindo em anos mais recentes (em alguns lugares) e cuja migração de jovens em direção a outras zonas mais urbanizadas ou em processo de se desenvolverem, tem como efeito um despovoamento de certas regiões, em especial, as zonas rurais menos favorecidas em recursos. Esse despovoamento, por sua vez, tem impacto no desenvolvimento desses países, que passam muitas vezes a dependerem economicamente dos núcleos antigos (Europa, América e Australasia) e novos (Leste Asiático), para serem viáveis. A relação entre fertilidade, trabalho e migração, portanto, é muito importante para a análise do desenvolvimento e é pouco estudada segundo o autor.

Sendo assim, o leitor pode ver que a obra de Ronald Skeldon é rica em detalhes sobre as características dos diversos núcleos (e nicho) de migração e suas relações particulares com o desenvolvimento. Contudo, o que não se pode deixar de notar é que apesar de ser uma obra com um excepcional embasamento bibliográfico, não é recomendável lê-la sem que se tenha um objetivo em mente, pois, a quantidade significativa de dados, pode dificultar o entendimento do argumento central em cada capítulo, ainda que a escrita do autor seja muito clara em seu desenvolvimento.

Todavia, apesar dessa atenção especial que o leitor deve ter ao percorrer os capítulos, Ronald Skeldon consegue em uma obra fazer um apanhado histórico dos movimentos migratórios humanos desde o início da modernidade, relacionando-os com o desenvolvimento em cada região geográfica estudada, propondo-se, ao final, fazer previsões quanto ao futuro desses movimentos. Previsões essas, que muitas vezes se concretizaram nos anos 2000-2017. O que nos mostra, ao contrário das expectativas políticas de leis recentes mais restritivas à mobilidade humana, que a resposta a questão inicial do autor “Por que as pessoas *não* migram?” pode ser a chave para entender e transformar a nossa realidade atual, assim como, o que se compreende por desenvolvimento, já que estão intimamente conectados, nos permitindo enxergar com outro olhar a migração humana.

[1] SKELDON, Ronald. **Migration and Development: A Global Perspective**. New York. Editora: Routledge, 2014. 264 p.

### **ALUNA: TAÍSA COSTA**

*Migration and Development* foi escrito por Ronald Skeldon no final do século XX, mas sua contribuição para a literatura e discussão sobre o tópico de migrações se estende vinte anos após sua primeira publicação. Isto porque o livro dispõe de uma ampla base para o entendimento da construção e ligação dos processos migratórios e de desenvolvimento, temas importantes para a atualidade. O conteúdo é resultado da experiência do autor com questões demográficas, somada à sua pesquisa incessante sobre mobilidade por anos, tendo outras publicações na área que dialogam com o assunto deste livro, como por exemplo, *Population Mobility in Developing Countries*, publicado em 1990.

O objetivo principal do livro é explícito: analisar a relação entre a mobilidade urbana e desenvolvimento. Ambos aspectos são definidos por Skeldon como sendo “termos dinâmicos que implicam mudanças” (SKELDON, p.15, 1997), no caso a mobilidade seria o deslocamento do indivíduo de um lugar para outro, enquanto o desenvolvimento sugere um certo crescimento e evolução de um país. O argumento defendido, por sua vez, é respaldado na compreensão de que esses dois fatores são tanto causa e efeito um do outro, e a qualidade de sua reflexão é definida por ela não ser limitada; a migração não deve ser vista como unicamente positiva ou negativa para o desenvolvimento, ela se configura como um fenômeno que pode afetá-lo das duas formas.

Skeldon adota uma visão abrangente capaz de entender a complexidade das variadas formas de migração- tanto a interna quando a internacional- bem como discorre sobre as áreas e países de origem e destino, que se diferenciam de acordo com seu nível de desenvolvimento. Deste modo, os diversos modelos de mobilidade são atrelados a um contexto de realidade cultural, social e econômica dentro dos Estados, ou seja, a uma hierarquia nacional, mas também a uma hierarquia global e regional. Para o autor, não estamos na era da migração, como muitos acreditam, mas sim em uma das eras da migração. No passado as migrações também se revelaram importantes, tendo formas diferentes das que ocorrem no presente, devido ao menor contingente populacional e com distâncias reduzidas, já que a tecnologia e transporte eram pouco desenvolvidos. Logo, o autor enxerga as migrações como um fenômeno natural que ocorre desde sempre, e não como algo anormal e excepcional, modos pelos quais são vistas geralmente.

A mobilidade das sociedades mais antigas é apenas uma das questões em que Skeldon rompe com o senso comum e utiliza como sustentação de seu argumento central. A noção de que são os mais pobres que migram também é revisada, o autor revela que na verdade são aqueles com mais recursos e educação que migram. Ademais, a sua análise é feita pela divisão em camadas regionais, pois ele denuncia que apesar da globalização e do fluxo de capitais, as migrações ainda são mais regionais do que globais, pois as redes de migrações e do capital estão concentradas. O autor afirma que a importância

desta abordagem regional para no melhor entendimento do crescimento urbano, já que as sociedades mais desenvolvidas são urbanizadas. As migrações estão amplamente ligadas a este processo, a união de pessoas de origens diferentes resulta em novas ideias, mudanças e, elas geram um impacto não só nos lugares de destino, como nos de origem também. Deste modo, estas perspectivas citadas são desenvolvidas ao longo do livro para deixar perceptível e reforçar a forte afirmação de que “migração é desenvolvimento” (SKELDON, p. 330, 1997).

Para mostrar como os fluxos migratórios influenciam no nível de desenvolvimento dos países, Skeldon descreve e compara, respectivamente, os padrões migratórios no que ele denomina de antigo e novo núcleo de desenvolvimento. Ao tratar do antigo núcleo, o autor foca na evolução dos movimentos populacionais dos países mais desenvolvidos, como os europeus; e no novo núcleo de desenvolvimento, a ênfase é dada aos países do Leste Asiático cuja prosperidade se moldou mais recentemente. Por meio de uma gama de dados estatísticos, que permitem que o leitor aprofunde seus conhecimentos e embasam o argumento do autor, são apresentadas as principais diferenças e similaridades dentro dos núcleos e entre os dois. Um exemplo de diferença seriam as taxas de mobilidade, enquanto que uma semelhança que pode ser citada é a redução das taxas de fertilidade destes países de acordo com o avanço dos seus níveis de desenvolvimento.

O ponto de convergência entre os países dos núcleos que ganha maior destaque no livro diz respeito às políticas restritivas às migrações. Para Skeldon, há uma concepção de que a transferência de pessoas de um país para o outro geraria um choque cultural que se traduziria na explosão de problemas políticos, sociais e econômicos – temor proveniente do medo do desconhecido. Este medo advém do nacionalismo que já marcava presença em alguns momentos do século XX, nos países europeus, Estados Unidos e nos países do novo núcleo também, principalmente Japão, que visa manter sua sociedade homogênea. Ao ser abordada esta temática, o leitor consegue fazer uma conexão com o momento atual, visto que, com o nacionalismo em voga, as portas de entrada para migrantes vêm sendo fechadas pelos governos das grandes potências, como o de Trump, Theresa May e o governo japonês, por exemplo.

O conteúdo do livro é amparado em uma extensa pesquisa bibliográfica, em que o autor menciona especialistas para cada assunto, inclusive autores que possuem argumentos que são opostos aos seus. Há uma densidade de informações e dados estatísticos, que apesar de positiva para aqueles que desejam se aprofundar, pode tornar a leitura maçante para quem não tem muito conhecimento do tema, fazendo com que o leitor perca as ideias centrais do livro. Além disso, muitos conceitos e termos não são definidos, ou são descritos de forma vaga como a própria explicação de desenvolvimento, que é uma palavra chave de seu argumento. Por fim, apesar dos fatores negativos, o autor consegue cumprir seu propósito de relacionar e apontar os desdobramentos da mobilidade e do desenvolvimento, além de fazer previsões para o futuro, que se concretizam no presente.

[1] SKELDON, Ronald. **Migration and Development: A Global Perspective**. New York. Editora: Routledge, 2014. 264 p.

[2] SKELDON, Ronald. **Population Mobility in Developing Countries**. London. Belhaven Press, 1990. 273 p.

#### **ALUNO: MATHEUS LAMAH**

A presente resenha busca analisar o livro *Migration & Development – A Global Perspective*, do professor emérito e geógrafo da Universidade de Sussex, Ronald Skeldon. O autor possui uma vasta experiência de pesquisa em questões demográficas, migratórias e de desenvolvimento, com ênfase na Ásia e sudeste asiático, apesar de também estabelecer análises de outros continentes e regiões. Na obra em questão, o autor busca trazer uma análise alternativa e pouco explorada dentro dos estudos de migração em desenvolvimento.

Ronald Skeldon busca estabelecer onexo entre os processos de migração e os processos de desenvolvimento, mostrando como ambos estão conectados de forma indissociável. Na visão do geógrafo, a literatura acerca do fenômeno da migração é muito vasta e muito já se foi discutido. Entretanto Skeldon reconhece a existência de um espaço não preenchido totalmente pela literatura, qual seja, o da relação entre o fenômeno da migração e desenvolvimento em uma perspectiva global, como o título do livro antecipa. Para além, o autor critica parte da literatura por abordar, muitas vezes, separadamente os processos migratórios internos e internacionais. Seguindo essa crítica, Skeldon traz para um mesmo *framework* essas duas perspectivas, a “micro”, interna e a “macro”, internacional dentro de sua análise.

Antes de entrar de fato na análise das migrações e de seu impacto no desenvolvimento dos países e das regiões, com o objetivo de cumprir com a proposta do livro de adotar uma perspectiva global para o tema, Skeldon traça um panorama geral dos estudos sobre migração, trazendo uma visão de como esse nexo entre migração e desenvolvimento pode ser compreendido na prática. O autor também traça um panorama em relação as perspectivas teóricas que são utilizadas, mostrando como o campo evoluiu de abordagens mais focadas em motivações econômicas para abordagens mais complexas, as quais levam em consideração fatores mais subjetivos no tocante à motivação dos indivíduos migrarem.

Depois de Ronald Skeldon fazer esses dois movimentos descritos acima, os capítulos seguintes, até a conclusão, mergulham de fato no conteúdo que sustenta a proposta global da obra. O autor divide sua análise em diversos “núcleos”. Por exemplo, no capítulo 3 e 4, o autor estabelece uma análise da evolução histórica dos processos migratórios no “antigo núcleo” e no “novo núcleo”. Respectivamente, correspondem à evolução histórica dos movimentos populacionais nos países que hoje em dia são mais desenvolvidos, como os países europeus, mostrando como esses movimentos, seja na escala micro ou macro, impactaram no desenvolvimento do continente; e à evolução histórica na região dos países asiáticos, que recentemente mostraram um desempenho de desenvolvimento muito rápido e expressivo, que por vezes até supera o peso dos países do antigo núcleo. Em cada análise o autor aborda as nuances, trazendo detalhes sobre os

grupos que participaram dos processos migratórios, como idade, onde residia, gênero e idade.

Nos capítulos que seguem, Skeldon estabelece uma análise dos núcleos que estão se expandindo e que são potenciais núcleos futuros. Nesse recorte o autor mostra que são áreas, e não países em sua totalidade, que podem ser enquadrados nesse núcleo. Essas áreas em questão podem ter processos de rápido crescimento, estagnação ou até diminuição do desenvolvimento. Um exemplo é a cidade de São Paulo, no Brasil, que possui um peso enorme internacionalmente, sendo considerada uma cidade global, mas que está dentro de um país que não é desenvolvido. Seguindo os capítulos da obra, o autor aborda as principais origens de migração e os principais destinos, tendo como foco a questão do força de trabalho do migrante. Por fim, no último capítulo antes da conclusão, o autor analisa o último núcleo, o dos “recursos”. Esse núcleo é visto com um apanhado das áreas que não se encaixam em nenhuma outra “camada” ou “núcleo” abordado. É caracterizado por economias muito precárias e áreas onde são explorados recursos físicos, renováveis e não renováveis para utilização principalmente nos núcleos em expansão.

Ao concluir a obra, o autor não faz apenas um apanhado geral de tudo que foi discutido e abordado, como são comumente apresentadas as conclusões. Para além, o autor ainda traz futuras perspectivas de migração e desenvolvimento para o século XXI, já que o livro foi escrito no final do século XX. De acordo com o autor, por exemplo, uma das principais preocupações dentro dos estudos de migração será a redistribuição populacional, e isso se dará, sobretudo, por conta do declínio da fertilidade e envelhecimento da população que se seguiu na época em que o livro foi escrito. No decorrer desse último recorte outras “previsões” ainda são estabelecidas por Ronald.

A proposta do autor se mostrou bastante desafiadora, como ele reconhece, pela quantidade de informações necessárias para estabelecer uma perspectiva global dos processos migratórios e desenvolvimento. Por um lado, apesar do extenso volume de conteúdo, Skeldon cumpre com a proposta do livro, sobretudo por conseguir retratar, através das análises históricas do fenômeno da migração, seu impacto no desenvolvimento de cada “camada” ou “núcleo” abordado. Por outro lado, apesar de ter tido sucesso em relação à proposta, o livro pode se revelar cansativo para leitores que buscam um entendimento geral dos processos migratórios e de desenvolvimento no nível global por apresentar uma grande quantidade de informação e detalhamento ao longo dos capítulos.

Entretanto, dependendo do objetivo do leitor, o volume de informação e os detalhes apresentados podem ser uma rica fonte de estudo para quem já possui uma base geral dentro do assunto e busca se aprofundar bastante no tema. Para mais, junto com todos os detalhes trazidos por Ronald Skeldon, é inegável a riqueza do livro em quesito de referências de outros autores que trabalham pontos específicos comuns aos trazidos por Skeldon. De forma geral, é um livro com conteúdo forte, rico e multidisciplinar, podendo ser aproveitado por uma pluralidade de estudantes ou profissionais, seja da Geografia, Economia, História e Relações Internacionais, por exemplo.



Por fim, vale ressaltar que Ronald Skeldon no decorrer do livro aborda alguns conceitos e fenômenos, como o de Globalização e Desenvolvimento sem dar a devida atenção para a conceptualização dos mesmos, partindo do pressuposto de que o leitor já possui conhecimento prévio sobre seu significado. Isso pesou negativamente porque o conceito de Desenvolvimento, em especial, é bastante disputado. Não há um consenso sobre o que é desenvolvimento, bem como por qual caminho se deve buscar esse desenvolvimento. Apesar de ser um livro denso, com muito conteúdo e de leitura cansativa, é uma obra que vale a pena ser lida por quem busca um entendimento mais completo sobre o nexos entre migração e desenvolvimento, bem como por quem busca ter um “guia” geral do tema, com muitas fontes alternativas para serem consultadas através das referências.

[1] SKELDON, Ronald. **Migration and Development: A Global Perspective**. New York. Editora: Routledge, 2014. 264 p.

### **ALUNA: KIMBERLY SANTOS CARVALHO**

Ronald Skeldon, geógrafo, baseia suas pesquisas em questões de população, migração e desenvolvimento. *Migration and Development* é mais um produto dentre tantos do autor sobre as questões de mobilidade.

Com todas as abordagens, especificações, literaturas e conceitos que os debates sobre mobilidade possuem, este livro promete ser uma espécie de guia no caminho entre todos esses aspectos, porém, o autor faz isso os relacionando ao campo do desenvolvimento. Ele trará ao leigo interessado sobre o assunto uma estrutura inicial para entender como as duas temáticas se co-constituem.

Ao introduzir seu livro, ele deixa claro que a ligação entre desenvolvimento e migração não é tão clara e alerta que existe uma discussão complexa sobre o termo ‘mobilidade’. Uma prova disto é que a visão sobre migração não pode ser simplesmente definida como positiva ou negativa para o desenvolvimento porque ela pode ser as duas ao mesmo tempo.

Hoje em dia a migração tem um aspecto negativo no senso comum e por isso, existem inúmeras tentativas de contê-la. Para evitar que a migração seja lida com esse aspecto, Skeldon procura evidenciar que a maioria dos movimentos migratórios não é global e sim regional. Essa perspectiva é surpreendente, principalmente porque na era atual são os fluxos globais das partes mais pobres do mundo em direção as mais ricas que repercutem. Através de gráficos, o autor demonstra que esse fluxo é pequeno. Em sua visão, essa minoria causa maior problematização porque provocaria a famosa “pressão migratória”. A pressão migratória alimentaria discursos xenofóbicos, pois gira em torno da noção de *overpopulation*, demonstrando que em algumas partes do mundo existe um desequilíbrio entre população e recursos mais do que em outras, teoricamente causada pelos movimentos migratórios elevados, o que leva as pessoas a acreditarem que os migrantes são sugadores de recursos nacionais. Mas o autor enfatiza que a migração, na realidade, não é um resultado do balanço quantitativo entre números e pessoas.

Somado a esse entendimento equivocado sobre desequilíbrio entre população e recursos, atualmente, são criados mais mitos sobre a migração e Skeldon enfatiza uma série deles. E, lembrando, ele desconstrói tais mitos a fim de romper com as premissas do senso comum conservador estabelecido que, quando difundidos, tem a intenção de paralisar os fluxos migratórios. Uma vez os mitos desmascarados, a verdadeira complexidade dos processos migratórios é revelada.

Durante a leitura do livro, Skeldon passa por teorias e abordagens da disciplina, ele nos oferece um esboço de como as abordagens contribuem para o conhecimento do escopo geral. Contudo, na tentativa de evidenciar seu argumento, o autor termina por repetir-se inúmeras vezes, o que torna a leitura, em alguns momentos, cansativa. No entanto, tal repetição parece ser inevitável, afinal, como ele mesmo pontua, seu livro tem por objetivo principal fornecer um guia introdutório e didático sobre a ciência da migração.

No trabalho de identificação de diferentes categorias de movimentos migratórios Skeldon percebe que a divisão do mundo entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento provoca certa barreira. Essa divisão contribui para a equivocada ideia que só a experiência migratória entre países de diferentes categorias têm processos migratórios distintos, quando na verdade dentro de uma mesma categoria isso pode acontecer. Um exemplo disto são dois núcleos altamente desenvolvidos que possuem diferenças muito claras na recepção e no envio de migrantes. Os dois núcleos são intitulados como “The old core” e “The new core”. No capítulo dedicado ao “*The old core*”, Skeldon revê a evolução dos movimentos migratórios de 400 anos ocorridos naqueles que hoje são considerados os países mais desenvolvidos e urbanizados na Europa, Australasia e América do Norte. Já no capítulo 4 “The new core”, ele apresenta os modelos de desenvolvimento asiáticos que alcançaram tardiamente uma infraestrutura fortalecida, parecida com *o old core*. Nessa parte ele explica como esses países se diferenciam na recepção e no envio de migrantes em relação ao *old core*, apesar da estrutura parecida.

Skeldon define passo a passo como as políticas migratórias, tanto no antigo núcleo quanto no novo, dentro do contexto de desenvolvimentos foram se formando. Para isso ele usa várias estatísticas e diversos detalhes que embasam e fortalecem seu argumento, porém, em certo ponto, mais uma vez, tornam-se desnecessárias. Apesar disto, ele consegue deixar claro como a estrutura do antigo centro influencia o novo centro, centralmente, no que diz respeito às políticas de restrição.

Parece evidente que a intenção de Skeldon é demonstrar que a era em que vivemos é uma era de migração, e não a única era da migração, pois não se pode falar de algum tempo da história da humanidade onde não houve movimentos migratórios. De fato, o autor, com exemplos no decorrer do texto, deixa claro que a mobilidade faz parte do instinto natural dos seres humanos. E se hoje existem mais pessoas migrando para lugares distantes é por causa do avanço tecnológico e porque há mais pessoas no mundo.

Além disso, ele tenta indicar como a migração é proveitosa para a urbanização das cidades que providenciam mercado e riquezas. Pois, a concentração das várias etnias

trazem novas ideias e novos jeitos de instrumentalizar processos de transformação social.

Skeldon também se preocupa com o futuro da migração e estabelece algumas premissas e previsões. Ele começa afirmando que no futuro a migração será um dos maiores dilemas para o público e para academia. Principalmente nos estudos sobre população.

Outros assuntos dentro da migração internacional que ganharão destaque são o tráfico humano e a migração ilegal. Como esse livro foi escrito em 1997, o autor fez uma boa previsão, pois hoje em 2017, essas temáticas tomam conta dos noticiários. O comércio de seres humanos representa um trágico e contraditório link entre migração e desenvolvimento.

Em resumo, o livro tem o objetivo de mostrar a variedade de experiências migratórias para trazer ao nosso entendimento o quanto migrar é um instinto natural e ele faz isso relacionando a migração aos diferentes processos de desenvolvimento. O livro acaba se tornando denso no sentido que possui muito conteúdo, mas, que em sua maioria não são aprofundados. Algumas terminologias não são claras e isso, infelizmente, prejudica a compreensão da construção da argumentação do autor.

[1] SKELDON, Ronald. **Migration and Development: A Global Perspective**. New York. Editora: Routledge, 2014. 264 p.

#### **ALUNA: ANA CLARA DE MELLO FIGUEIREDO**

A presente resenha consta a análise do livro "Migration and Development: A Global Perspective" do professor Ronald Skeldon. O autor é professor emérito do Departamento de Geografia da Universidade de Sussex no Reino Unido. E, além do foco de pesquisa em estudos demográficos, já atuou em órgãos das Nações Unidas e presta consultoria para uma série de instituições como a Organização Internacional da Migração e Divisão Populacional das Nações Unidas.

Anteriormente, em 1990, Skeldon escreveu o livro "Population mobility in developing countries: a reinterpretation" cujo objetivo era a análise da relação migração-desenvolvimento nas regiões mais abastadas do globo. Com a pretensão de ampliar o escopo de suas análises e trazer novas perspectivas, a segunda obra traz uma análise da relação entre migração e desenvolvimento em um contexto mais global. Foi publicada no ano de 1997 e abrange um conjunto de informações e dados da década de 80 e do início dos anos 90. No entanto, vale afirmar que, apesar dos vinte anos após sua publicação, o conteúdo e as afirmações do autor demonstraram-se extremamente atuais em sua grande maioria.

O livro conta com sete capítulos nos quais o autor contempla desde as primeiras teorias utilizadas nos estudos de migração e desenvolvimento até a forma como ocorreram as mudanças do perfil da mobilidade humana ao longo do desenvolvimento das sociedades. Nesse contexto, uma das primeiras visões que o autor buscou destruir foi a ideia de que a migração seria um fenômeno atual. Uma afirmação que derruba a ideia de

que a migração só seria um movimento internacional viabilizado pelo desenvolvimento tecnológico do transporte quando na verdade existe desde sempre, mas com perfis que variaram de acordo com as eras.

Outra visão convencional que Skeldon buscou quebrar foi a ideia de que "só os pobres migram", uma das poucas afirmações realmente diferenciadas ao longo da obra. Segundo o autor, a mobilidade só é possível para aqueles que possuem recursos para tal. Uma visão que remete, por exemplo, ao cenário de uma parcela do grupo de haitianos que migraram para o Brasil em 2010. Embora um grande grupo tenha viajado em condições precárias, mesmo que de forma clandestina - alguns coiotes chegaram a cobrar US\$ 4000 pela travessia, havia entre eles uma parcela de profissionais com nível superior e de classe média contrapondo ainda mais a ideia genérica e estereotipada do migrante latino e pobre.

Logo nos primeiros capítulos, a análise de Skeldon explicita a mutualidade das relações entre desenvolvimento e migração fundamentada na afirmativa do papel do migrante como agente de ações geradoras de consequências. Ou seja, sua análise explicita o papel do imigrante como fator gerador do desenvolvimento e não apenas aquele que se desloca em busca de melhores condições de vida em regiões mais desenvolvidas e urbanizadas, seja a nível doméstico, seja no plano internacional. Assim como o autor busca refletir como os "cores" - como o autor se refere aos principais fluxos e regiões destino nos capítulos 3 e 4 – assim como os nichos de pesquisas, citados no capítulo 7, gradualmente ganham novos perfis e começam a marcar presença em locais que antes não eram principais pontos de destinos.

A pretensão de produzir uma "extensão" da obra de 1990 se expressou ainda na grande quantidade e variedade de informações. As temáticas abrangidas pela relação migração-desenvolvimento citadas por Skeldon foram desde o setor de tecnologia, mão de obra e informação até parâmetros como índices de fertilidade e algumas questões de gênero. O autor chega a citar como até mesmo a tecnologia para o desenvolver remédios e a indústria farmacêutica podem ser considerados variáveis tanto causais quanto consequentes do desenvolvimento e níveis de bem-estar social, por exemplo.

Apesar de explicitar que a relação migração/desenvolvimento é vaga, Skeldon cita como migração é afetada e, simultaneamente, influenciadora de panoramas e contadores sociais como taxas de mortalidade e natalidade, ou ainda questões de gênero tendo em vista o aumento da quantidade de mulheres que passaram a migrar mais a partir da segunda metade do século XX. Uma característica que demonstra como a migração pode mudar os próprios parâmetros de desenvolvimento e que reforçam a ideia de que as lentes convencionais de pesquisas frequentemente encontram-se limitadas por ignorarem tais variáveis ao lidar com migração.

Apesar da variedade, a obra não utiliza abordagens aprofundadas e ao longo de praticamente todos os capítulos, há menções de artigos e autores especializados de acordo com os temas citados evidenciando um grande trabalho de pesquisa. O autor perpassa por diversas teorias de forma resumida, apesar do tamanho dos capítulos e algumas repetições desnecessárias, e para suprir a ausência de certas informações – algo

que deixa claro o papel do livro como norteador para futuras leituras e pesquisas dentro da temática abordada, Skeldon utiliza indicações de outros teóricos e especialistas. Uma característica que funcionou tanto de forma positiva quanto negativamente.

Por um lado, pode-se afirmar que o livro funciona como um bom direcionamento para futuras pesquisas, mas, por outro, levou a um excesso de informações que frequentemente tornaram a leitura da obra um tanto confusa. E a preocupação em abranger todos os assuntos possíveis relacionados a migração e desenvolvimento se estendeu na composição de praticamente todos os capítulos o que fez com que o conteúdo se tornasse repetitivo.

Embora não tenho sido tão eficiente na sua tentativa de contemplar uma abordagem inovadora, o livro funciona como uma visão ampla sobre a relação migração-desenvolvimento, mesmo que de forma tão vaga. Além disso, a atemporalidade de diversos questionamentos levantados pelo autor também soma à pertinência da leitura da obra, especialmente para quem não tem tanta familiaridade com a temática da migração. Em suma, a obra como um todo apenas reforça a última afirmação do autor na conclusão: "migration is development".

Bibliografia:

[1] SKELDON, Ronald. **Migration and Development: A Global Perspective**. New York. Editora: Routledge, 2014. 264 p.

[2] SKELDON, Ronald. **Population Mobility in Developing Countries**. London. Belhaven Press, 1990. 273 p.

[3] FERRAZ, Lucas; PRADO, Avenir. "Rede de 'coiotes' controla tráfico de haitianos ao país". Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1460493-rede-de-coiotes-controla-trafico-de-haitianos-ao-pais.shtml>> Acessado em 02 dezembro 2017



**Instituto  
de Relações  
Internacionais**



**PUC**  
RIO

**Instituto de Relações Internacionais  
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Vila dos Diretórios,  
Casa 20, Gávea - Rio de Janeiro - RJ, Brasil  
Tel/Fax: +55 21 3527-1557 // 3527-1558 // 3527-1560**

**[www.iri.puc-rio.br](http://www.iri.puc-rio.br)**